



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS, ARTES E JORNALISMO.**

**ARIELY NERY DE MELO**  
**CÉSAR FILGUEIRA MENEZES**  
**CRISTIANE GOMES DOS SANTOS**

***A LITERATURA EM PEDAÇOS: FRAGMENTAÇÃO NO LIVRO  
DO DESASSOSSEGO DE BERNARDO SOARES.***

**MACAPÁ**  
**2016**

**ARIELY NERY DE MELO**  
**CÉSAR FILGUEIRA MENEZES**  
**CRISTIANE GOMES DOS SANTOS**

**A LITERATURA EM PEDAÇOS: FRAGMENTAÇÃO NO LIVRO  
DO DESASSOSSEGO DE BERNARDO SOARES.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Amapá como requisito parcial para obtenção de título de graduação do Curso de Licenciatura Plena de Letras-Francês/Português.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Lachat

**MACAPÁ**

**2016**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá

869.09

M528l Melo, Ariely Nery de.

A literatura em pedaços: fragmentação no livro do desassossego de Bernardo Soares / Ariely Nery de Melo, César Filgueira Menezes, Cristiane Gomes dos Santos; orientador, Marcelo Lachat. – Macapá, 2016.

33 p.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Fundação Universidade Federal do Amapá, Coordenação do curso de Letras- Francês / Português.

1. Literatura portuguesa. 2. Modernismo (literatura). I. Menezes, César Filgueira. II. Lachat, Marcelo, orientador. III. Fundação Universidade Federal do Amapá. IV. Título.

# **A LITERATURA EM PEDAÇOS: FRAGMENTAÇÃO E REPRESENTAÇÃO NO LIVRO DO DESASSOSSEGO DE BERNARDO SOARES.**

**ARIELY NERY DE MELO<sup>1</sup>**

**CESÁR FILGUEIRA MENEZES**

**CRISTIANE GOMES DOS SANTOS**

**RESUMO:** O presente trabalho, a partir da análise de fragmentos que compõem o *Livro do Desassossego* de Bernardo Soares, tem por objetivo discutir a noção de fragmentação do sujeito, de obra literária e de autor no começo do século XX, no contexto do modernismo. Para tanto, são traçados paralelos entre Bernardo Soares e outros heterônimos criados por Fernando Pessoa e a fragmentação do próprio Pessoa poeta, tendo em vista a relação de sujeito e literatura fragmentados.

**Palavras-chave:** Fragmentação, Fernando Pessoa, Bernardo Soares.

**RÉSUMÉ:** Ce travail, à partir de l'analyse des extraits qui composent o Livro do Desassossego de Bernardo Soares, a pour objectif de discuter la notion de fragmentation du sujet, de l'oeuvre littéraire et de l'auteur, au début du 20ème siècle, dans le contexte du modernisme. Pour cela, on a établi des parallèles entre Bernardo Soares et des autres hétéronymes créés par Fernando Pessoa et la représentation de Pessoa en tant que poète, en envisageant la relation du sujet et de la littérature fragmentés.

**Mots clés:** Fragmentation, Fernando Pessoa, Bernardo Soares.

---

<sup>1</sup> Graduandos em Licenciatura Plena em Letras/Francês – Universidade Federal do Amapá

## SUMÁRIO

<b>1- INTRODUÇÃO.....</b>	<b>06</b>
<b>2- INÍCIO DO DESASSOSSEGO.....</b>	<b>08</b>
1.1- Fernando pessoa e o Modernismo.....	08
1.2- A sinceridade do fingimento da heteronímia.....	11
1.3- O Livro do Desassossego.....	14
<b>3- TEORIAS PARA O DESASSOSSEGO.....</b>	<b>18</b>
<b>4- A FRAGMENTAÇÃO DESARTICULADA POSTA EM ANÁLISE.....</b>	<b>27</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>37</b>

## 1- INTRODUÇÃO

Fernando Pessoa é um dos autores mais conhecidos da primeira geração do modernismo português. O que torna interessante a questão de Pessoa ser um dos maiores exemplos de autores modernistas é o fato de ele fazer com que a obra literária se fragmentasse juntamente com o sujeito, ou seja, não há apenas um único autor, apenas um “eu”, pois objetiva mostrar que a “pessoa” não passa de ficção. Assim sendo, a literatura se fragmenta simultaneamente com o sujeito. Por isso, Fernando Pessoa, acompanhando as “novidades” do modernismo, tenta desconstruir as noções de sujeito e de obra literária, propondo novas (des)organizações “literárias”, diferentes daquelas dos autores românticos.

O objetivo deste trabalho é justamente discutir a noção de fragmentação de sujeito, de obra literária e de autor no começo do século XX com base nos fragmentos que compõem o *Livro do Desassossego* de Bernardo Soares, semi-heterônimo de Fernando Pessoa. O *Livro*, na edição de Richard Zenith utilizada neste trabalho, é apenas uma das sete edições que já foram apresentadas até hoje após os achados dos papéis na “arca de Pessoa”. Por isso, enquanto obra literária, o *Livro* também é um grande exemplo de fragmentação por apresentar uma lógica interna própria que retrai toda a noção que se tem de livro e não permite uma leitura com começo, meio e fim, algo bastante incomum entre obras literárias em prosa de fins do século XIX e começo do XX.

O *Livro* já foi reproduzido em várias edições de diferentes editores, o que complica o conceito comum que se tem de autor, pois existem várias possibilidades e formas de organização que dependem muito do estilo do editor, gerando incertezas quanto a quem seria o responsável pela obra literária.

A escolha da obra para o desenvolvimento deste trabalho se deu pelo fato de não haver muitos estudos acerca do *Livro do Desassossego*. Além disso, esse *Livro* suscita reflexões, sentimentos, filosofias e uma visão caótica de um personagem que vive numa realidade repleta de transformações, o que contagia os leitores a cada trecho lido. Finalmente, por ser uma obra de

essência inovadora, mostra-se sempre instigante, rica e única no sentido de como apresenta sua prosa fragmentada.

Em vista dos argumentos apresentados, o desenvolvimento deste trabalho está dividido em três partes. Inicialmente iremos discorrer acerca do movimento modernista no qual Fernando Pessoa está inserido, retratando, em seguida, a inovação literária de Pessoa ao se despersonalizar através dos vários heterônimos aos quais deu vida (inclusive Bernardo Soares, o “autor” e narrador do *Livro do Desassossego*). Na segunda parte, abordaremos alguns autores como referencial teórico do tema abordado para, assim, tentar compreender as características tão marcantes da obra. Finalmente, na terceira parte, faremos uma análise de trechos do *Livro do Desassossego* que marcam a fragmentação da obra literária de Fernando Pessoa, em particular, e da literatura e do sujeito modernos, em geral.

## 2- INÍCIO DO DESASSOSSEGO

### 2.1- FERNANDO PESSOA E O MODERNISMO

Ao tratar do contexto literário no qual Fernando Pessoa está inserido, nota-se a sua participação direta e ativa no Modernismo português no início do século XX. Dentro do contexto histórico da estética literária de Fernando Pessoa, juntamente com o Modernismo, vale ressaltar que temos também as dificuldades trazidas pela Primeira Guerra Mundial entre 1914 e 1918, a Revolução Russa em 1917, e a Crise Econômica que ocorreu nos Estados Unidos em 1929.

Assim, o Modernismo surgiu em meio a esses fatos históricos que marcaram as três primeiras décadas do século XX. Os modernistas portugueses buscavam o rompimento com o passado, dando uma face inovadora à cultura tradicional. Um exemplo dessa transformação se dá na escrita literária, na qual houve uma fuga das formas impostas naquele período e do tradicionalismo para uma linguagem mais coloquial e com mais liberdade no que diz respeito à versificação.

O Modernismo Português perdurou até o fim do Estado Novo, na década de 70, e teve como seus principais representantes, além de Fernando Pessoa, os poetas Mário de Sá Carneiro, Almada Negreiros, Irene Lisboa, Miguel Torga, entre outros, que faziam parte dos quatro segmentos da literatura modernista: Orfismo, Presencialismo, Neorrealismo e Surrealismo.

O Orfismo é a primeira geração do Modernismo português, que durou entre os anos de 1915 a 1927, trazendo uma estética de rompimento total com o passado. Este movimento surgiu a partir da revista *Orpheu*, criada e escrita pelos jovens escritores e poetas, Fernando Pessoa, Raul Leal, Mário de Sá Carneiro, Armando Côrtes Rodrigues, Rui Coelho, e o brasileiro Ronald de Carvalho, como uma forma de divulgar as novas concepções que surgiam naquele tempo.

A Revista *Orpheu* e seus representantes fortaleceram a entrada do Modernismo na arte portuguesa, buscando mostrar uma poesia que

“chocasse”, “irritasse”, e “escandalizasse” diretamente a burguesia. Para Massaud Moisés:

“A poesia, elevada ao mais alto grau, entroniza-se como a forma ideal de expressar a nova cosmovisão, e sintetiza toda uma filosofia de vida estética, sem compromisso com ideologias de caráter histórico, político, científico ou equivalente. A adesão ao pensamento moderno significa, pois, a ruptura com o passado, inclusive em sua feição simbolista, embora dela fosse caudatária.

Por outros termos, corresponde a um momento em que as mentes se elevam para planos de universal indagação, para a tomada de consciência de uma angústia geral, fruto da crise que enfolga a Europa e o Mundo. A guerra de 14 é manifestação nítida dessa crise, provocada pela necessidade de abandonar as velhas e tradicionais formas de civilização e cultura (de tipo burguês) e de buscar novas fórmulas substitutivas.” MOISÉS ( 2013, p. 329).

Nota-se, no trecho acima, que o modernismo português tinha apego ao inovador e que estava estabelecendo uma transformação, assim como o que estava acontecendo nas artes e na literatura por toda a Europa. Havia um processo de rompimento com a tradição em geral.

Segundo Moisés (2013, p.329), “o ser humano, posto à frente do espelho, sozinho perante a própria imagem, angustia-se, pois vive uma quadra de ausência de verdades absolutas, capazes de explicar-lhe a incoerência visceral e a sem razão de existir.”

Neste sentido, Fernando Pessoa e os outros representantes do Modernismo em Portugal buscavam por uma literatura portuguesa na qual seria possível apresentar as indagações, os sentimentos, os pensamentos, e as sensações, todas internalizadas na arte literária, deixando de lado os padrões literários passados. Nessa perspectiva, afirma Friedrich (1978, p. 17), quanto à lírica moderna:

Ela prescinde da humanidade no sentido tradicional, da experiência vivida, do sentimento e, muitas vezes, até mesmo do eu pessoal do artista. Este não mais participa em sua criação como pessoa particular, porém como inteligência que poetiza, como operador da língua, como artista que experimenta os atos de transformação de sua fantasia

imperiosa ou de seu modo irreal de ver num assunto qualquer, pobre de significado em si mesmo.

Fernando Pessoa é o exemplo mais importante no que diz respeito à pluralidade do ser humano, pois se desdobrou em vários “Eus” para realização de sua composição poética. Fernando Antônio Nogueira Pessoa, mais conhecido como Fernando Pessoa, nasceu em Lisboa, dia 13 de junho de 1888. Ainda criança foi levado por sua mãe e seu padrasto à África do Sul. Fez curso primário e secundário em Durban, e em 1905, ao retornar para Lisboa cursou Filosofia na Faculdade de Letras. Trabalhou por toda sua vida como correspondente comercial em línguas estrangeiras. Em 1915, fez parte do grupo que cria a revista *Orpheu*. O único livro publicado em vida foi a *Mensagem*. O poeta faleceu no dia 30 de novembro de 1935.

Pessoa, ainda influenciado pelo simbolismo, traz para o modernismo o incrível poder de multiplicidade de indivíduos, de forma a apresentar muitas faces, e para cada uma delas uma estética literária diferenciada, como é perceptível no *Livro do Desassossego* de Bernardo Soares. O autor busca pôr em ordem o caos que o cerca, partindo das suas indagações, absorvendo e retirando das pessoas o que elas vivenciam. Para Pessoa, era necessário ser todos que “existiram”, “existem” e “existirão”. A esse respeito, Moisés (2013, p. 333) salienta que:

“Tal processo pressupõe, necessariamente, a multiplicação do poeta em quantas criaturas compuseram e compõem a Humanidade na sequência dos séculos: apenas desse modo, somando as múltiplas e relativas visões de toda a espécie humana no tempo e no espaço, e de cada homem ao longo de sua vida particular, seria possível alcançar uma imagem aproximada do Universo como um todo, e tentar reconquistá-la ao caos da relatividades. O fulcro, portanto, da mundividência pessoana é constituído pelo ingente esforço de conhecer o universo, como um absoluto possível e para além da contingência individual.”

Ao apresentar a pluralidade de pessoas e a fragmentação tanto de sujeito quanto de obra literária, percebe-se que por parte do poeta Fernando Pessoa há a fuga da realidade para um mundo imaginário e de sonhos, no qual o poeta

cria seus heterônimos, cada um dotado de particularidades e características próprias, demonstrando assim, as mais variadas faces que uma pessoa pode desempenhar em sua vida psíquica e social.

## **2.2- A SINCERIDADE DO FINGIMENTO DA HETERONÍMIA**

É tão comum vermos Fernando Pessoa como sendo um dos maiores exemplos para representar o fenômeno da heteronímia, pois sabia perfeitamente como tirar várias personalidades de dentro de uma. Ele inventava heterônimos para assinar suas obras e seus heterônimos: por exemplo, Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Bernardo Soares, que tinham personalidades e características físicas diferenciadas, inclusive, diferentes das do próprio Pessoa. Essas eram as principais marcas da diversidade heteronímica presente em suas obras.

Fernando Pessoa utiliza seus diversos heterônimos para dar conta de todas as particularidades do Modernismo, dividindo-os de acordo com um campo de atuação. Dessa forma, diante dessas diversas “pessoas”, que vivem dentro de um único indivíduo, o poeta português busca encontrar sua própria existência em um mundo em constante transformação. Pessoa foi um poeta em vários, como observa Leyla Perrone Moisés, “um sujeito estourado em mil sujeitos, para se tornar um não sujeito” (MOISÉS, 2001, p.17), pois para o poeta havia a necessidade de esvair-se para muitos personagens, cada um com suas características e estilos de linguagem diferenciados, criando, por consequência, a fragmentação da própria noção de obra literária.

No *Livro do Desassossego*, Bernardo Soares, assim como os demais heterônimos, é uma das pessoas/máscaras de Fernando Pessoa, por representar uma fragmentação, uma espécie de fingimento poético que Richard Zenith explica não ser uma réplica de Pessoa nem sequer uma miniatura, mas um Pessoa mutilado, com elementos em falta que jamais poderão ser confundidos com o seu criador (Cf. ZENITH, 1999 p. 15).

É no *Livro do Desassossego* de Bernardo Soares, semi-heterônimo de Pessoa, que se faz presente e torna-se mais evidente a questão da fragmentação do sujeito e da fragmentação da obra literária no século XX. Por

ser considerado um grande modelo de desconstrução do conceito de sujeito e de desconstrução do conceito de obra literária, o objeto de pesquisa do presente trabalho é justamente o *Livro do Desassossego*.

Toda essa variedade de personalidades, de características e biografias diferenciadas, parte da necessidade de Pessoa em se multiplicar. Daí surgem os três grandes poetas: Alberto Caeiro, o mestre bucólico, conhecido como o poeta que foge para o campo; Ricardo Reis, o neoclássico que tem uma forma humanística de enxergar o mundo; e Álvaro de Campos o mais subversivo e contraditório. Porém, para Pessoa não bastava apenas “criar poetas”, seu desassossego o fez criar o semi-heterônimo Bernardo Soares, conhecido também por ajudante de guarda-livros.

Esta multiplicidade heteronímica apresentada por Pessoa se deve à desestabilidade do “eu” presente em sua personalidade. A partir da fragmentação da obra, há a multiplicidade de heterônimos, o que acarreta a dissolução do sujeito na obra. Para MOISÉS (2011, p. 261):

O poeta dramático, criador e mestre de suas personagens e suas respectivas linguagens, dar-se-á cada vez mais conta da perda desse lugar central de regulador, passará a ser instrumento de linguagens relativamente autônomas, não representativas ou expressivas, mas produtoras de sentidos, e até mesmo de sujeitos novos.

O trabalho poético de Fernando Pessoa permitiu que ele pudesse fracionar-se e multiplicar-se em outros “eus” através da fragmentação, que são os inúmeros heterônimos aos quais deu vida. Pessoa, ao dividir-se em vários, mostra-nos a ausência de um único “eu”; mesmo sabendo-se que o ser não é algo divisível, ele se mostra com as mais variadas personalidades por conta desse processo de fragmentação. Assim, percebe-se que o processo de fragmentação do sujeito está diretamente ligado à criação heteronímica e esse desdobramento de *personae* do “eu” de Fernando Pessoa fez com que ele criasse cada heterônimo com suas devidas particularidades.

Para melhor entender a questão dos heterônimos, vale a pena referir, brevemente, a carta escrita por Fernando Pessoa para responder à

correspondência de Adolfo Casais Monteiro e justificar algumas de suas perguntas sobre os heterônimos. Desse modo, Fernando Pessoa descreve detalhes de como começou a criar seus heterônimos e menciona necessidade que sentia de ter alguém por perto, de não mais se sentir só e que, por isso, criou uma espécie de mundo imaginário, com amigos imaginários, na tentativa de preencher a falta dos reais. Nessa carta, ele ainda afirma que, desde pequeno, começou a escrever cartas para si próprio como se fosse duas pessoas e, mesmo com o passar do tempo, a criação desses amigos imaginários não desapareceu, muito pelo contrário, se tornou mais intensa, fato que fez com que o “sujeito” Fernando Pessoa se desdobrasse em vários e surgissem, assim, seus heterônimos.

Começo pela parte psiquiátrica. A origem dos meus heterónimos é o fundo traço de histeria que existe em mim. Não sei se sou simplesmente histérico, se sou, mais propriamente, um histero-neurasténico. Tendo para esta segunda hipótese, porque há em mim fenómenos de abulia que a histeria, propriamente dita, não enquadra no registo dos seus sintomas. Seja como for, a origem mental dos meus heterónimos está na minha tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação. Estes fenómenos — felizmente para mim e para os outros — mentalizaram-se em mim; quero dizer, não se manifestam na minha vida prática, exterior e de contacto com outros; fazem explosão para dentro e vivo — os eu a sós comigo. Se eu fosse mulher — na mulher os fenómenos histéricos rompem em ataques e coisas parecidas — cada poema de Álvaro de Campos (o mais histericamente histérico de mim) seria um alarme para a vizinhança. Mas sou homem — e nos homens a histeria assume principalmente aspectos mentais; assim tudo acaba em silêncio e poesia...

Carta a Adolfo Casais Monteiro - 13 Jan. 1935

### **2.3- O LIVRO DO DESASSOSSEGO**

#### **“um não livro escrito por um homem que não existiu”**

O *Livro do Desassossego*, de Bernardo Soares, semi-heterônimo de Fernando Pessoa, é uma obra escrita em prosa, formada por centenas de fragmentos que não seguem uma ordem cronológica, pois não apresentam início, meio e fim, algo bastante incomum entre obras literárias em prosa de fins do século XIX e começo do século XX. O *Livro* é composto por trechos

narrados em primeira pessoa por Bernardo Soares. Esses fragmentos do semi-heterônimo de Pessoa são uma prosa poética bastante intensa e podem ser lidos aleatoriamente, independentemente da ordem proposta pelos editores que se aventuraram a organizar tal caos poético:

Nestas impressões sem nexos, nem desejo de nexos, narro indiferentemente a minha autobiografia sem factos, a minha história sem vida. São as minhas confissões, e, se nelas nada digo, é que nada tenho que dizer. (SOARES, 1999, p. 54).

É um livro que, além de rico em detalhes e repleto de descrições do cotidiano, possui um conteúdo muito interessante, pois é constituído por fragmentos soltos, marcando a fragmentação da obra e indicando a diversidade heteronímica do próprio Fernando Pessoa. Além disso, esse *Livro* suscita reflexões, sentimentos, filosofias, e uma visão caótica de um personagem que vive numa realidade repleta de transformações o que contagia os leitores a cada trecho lido e mostra-se sempre instigante, rico e único no sentido de como apresenta sua prosa fragmentada e sua representação mascarada.

A partir da fragmentação, abre-se um leque de possibilidades para diferentes edições e formas de organização do *Livro*, uma vez que sua arquitetura interna poderá ser organizada dependendo do estilo do editor, por exemplo.

O *Livro do desassossego* já foi reproduzido em várias edições de diferentes editores <sup>2</sup>, ou seja, existem várias possibilidades e formas de organização que dependem muito do estilo e do estado emocional do editor, gerando incertezas quanto a quem seria o responsável pela obra literária.

Segundo Leyla Perrone Moisés:

---

<sup>2</sup>ZENITH, Richard. Livro do Desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda livros na cidade de Lisboa/Fernando Pessoa. 2.ed. São Paulo: companhia das Letras, 1999.  
VEIGA, Pedro (Petrus). Páginas escolhidas. Arte e Cultura, 1961.  
COELHO, J.P. do. Rec. E transc. Dos textos de M.A.G. e T.S.C..2vol. Edições Ática,1982  
CUNHA, Teresa Sobral -2vol. Presença,1990. Relógio d'Água, 2008-2013.  
QUADROS, Antonio – 2vol. Publicações Europa – América, 1995.  
PIZARRO, Jerônimo. Livro do Desassossego. Edição crítica. 2vol. INCM 2010. Tinta da China, 2013.  
SILVA, Libório Manuel. Palavras do Livro do Desassossego. Centro Atlântico, 2013.

O Livro é, assim, altamente desassossegante para quem o lê pronto; o que dizer, então para os que assumiram a tarefa de o aprontar? Eram necessárias muita sensibilidade e muita dedicação para decifrar e preparar esse material, mas era preciso também ter muita saúde e tomar alguma distância, para ordená-lo criteriosamente e pô-lo no sossego relativo de uma forma publicável. (MOISÉS, 2001, p. 210).

Ainda de acordo com Perrone Moisés, a ordenação dos fragmentos, datados e não datados, era sem dúvida o problema maior a ser enfrentado pelo organizador da edição. A autora explica que a ordenação por “manchas temáticas” (a organização em trechos), oferece, como qualquer ordem, vantagens e desvantagens. A vantagem é didática por oferecer uma facilitação da leitura; essa ordem permite confrontar diferentes formulações do mesmo tema e verificar, de imediato, sua frequência e sua variação no *Livro*. Já a desvantagem está relacionada a uma monotonia da repetição, que ocasiona no desgaste da leitura assim como a perda da visão cronológica do *Livro*, que permitiria uma outra leitura, também muito rica:

O que já está claro é que esse Livro nunca terá uma forma “verdadeira” e definitiva. Podemos até sonhar com um “livro” de páginas soltas, como cartas de baralho, que possam ser lidas em infinitos arranjos. Outras propostas de ordenação poderão surgir; outras sugestões para a decifração de alguns trechos e palavras; alguns fragmentos poderão ser retirados, por pertencerem a outros nomes-autores; fragmentos diferentes poderão ser acrescentados, por se julgar que aí é o seu lugar. (MOISÉS, 2001, P. 211).

Na organização da segunda edição, Richard Zenith explica que se Pessoa tivesse preparado o *Livro do Desassossego* para publicação, este seria um livro menor graças às escolhas dos trechos ou à revisão geral do estilo que resultaria num verdadeiro livro, polido e fluido, com talvez metade das páginas que tem, e talvez metade da sua graça e gênio. “Eliminado o que tem de fragmentário e lacunar, o livro ia ganhar força, sem dúvida, mas correria o risco de se tornar mais um livro, em vez da obra única que é” (ZENITH, 1999, p. 31).

A este respeito, Leyla Perrone Moisés demanda:

As indagações suscitadas pelo Livro subentendem, quase sempre, uma decisão pelo mais ou pelo menos. Quanto mais

textos tivermos de Pessoa, maior ou menor ele fica? Quanto menores os textos de Pessoa, mais acabados e, portanto melhores? (MOISÉS, 2001, p. 213).

Para Perrone Moisés, o *Livro do Desassossego* não é mais nem menos do que a poesia pessoana, é outra coisa não menos importante. Essa outra coisa não tira nem acrescenta nada ao que se reconhecia como o valor de Pessoa, nem altera fundamentalmente o que já sabíamos de sua temática. “É a prosa pessoana até agora desconhecida, a prosa trabalhada como arte, diversa daquelas dos ensaios e das ficções que já vieram”. (MOISÉS, 2001, P. 214).

Zenith faz uma análise concisa da obra e descreve alguns fatores emocionais presentes em Fernando Pessoa que justificam a existência do livro. Assim, Zenith inicia utilizando as palavras de Álvaro de Campos, “*Fernando Pessoa não existe, propriamente falando*”, para elucidar que os textos em prosas são resultados da complexidade poética de Pessoa que ao criar vários personagens na tentativa de poupar o esforço e o incômodo de viver inventou o *Livro do Desassossego* que nunca existiu e que nunca poderá existir. Trata-se de uma obra fragmentada: “textos sobre textos sobre textos sem nenhum significado e quase sem nexos”, o que seria, para Richard Zenith, o testemunho da realidade vivida por Fernando Pessoa marcada por uma profunda depressão que só lhe permitia escrever em pedaços:

E numa carta um mês antes ao mesmo amigo, fala “de uma depressão profunda e calma” que só lhe permitia escrever “pequenas coisas” e “quebrados e desconexos pedaços do Livro do Desassossego”. A este respeito, o da fragmentação permanente, o autor e o seu *Livro* ficaram para sempre fiéis aos seus princípios. (ZENITH, 1999, p. 14).

Zenith explica ainda que o que subverteu, sobretudo, o projeto inicial deste *Desassossego* foram as preocupações de ordem existencial que resultaram nas impressões da vida interior, registradas em “Fragmentos de uma autobiografia”, “Diário ao Acaso” e textos afins, com e sem título, que invadem as páginas do que tinha começado por ser um livro bem diferente. O referido crítico afirma que *O Livro do Desassossego* é sintomático do embaraço

do autor que dá início ao seu projeto escrevendo textos que tentam elucidar um estado psíquico através de descrições do tempo e de paisagens irreais.

Desta forma, Fernando Pessoa não deixou de registrar a sua vida cotidiana à sombra dos mais diversos textos: às vezes com um ponto de interrogação exprimindo dúvida, ele juntou especulações filosóficas, credos estéticos, observações sociológicas entre outras temáticas que estavam diretamente relacionadas com sua vivência pessoal. Sempre com a intenção de rever e organizar os fragmentos, mas sem coragem ou paciência para enfrentar a tarefa, o *Livro* ficou sempre um projeto por fazer, por emendar, por organizar e levar a cabo e, deste modo, Pessoa deixou várias listas com os possíveis títulos, como “Na Floresta do Alheamento”, “Viagem Nunca Feita”, “Intervalo Doloroso”, “Epílogo na Sombra” entre outros.

Zenith explica que o *Livro do Desassossego*, numa das suas vertentes, tornou-se um depósito para muitas escritas, mas é aí, na sua desarrumação, que se manifesta a grandeza do *Livro*. “Foi um depósito, sim, mas um depósito para joias, ora polidas ora em bruto, adaptadas a uma infinidade de jogos, graças à falta de uma ordem preestabelecida”. (ZENITH, 1999, p. 19).

Zenith esclarece também que Pessoa publicou, em vida, apenas doze trechos do *Livro do Desassossego*. Deixou, em variadíssimos estados de elaboração, aproximadamente 450 trechos adicionais que traziam o sinal “L. do D.” Para ele, são estes textos que constituem a primeira edição do *Livro*, publicada pela Ática só em 1982. Somente oito anos mais tarde, Teresa Sobral Cunha publicou uma nova edição, emendada, reorganizada e consideravelmente aumentada. Os outros novos trechos, isto é, a vasta maioria, não tem nenhuma evidência explícita que os ligue ao *Livro do Desassossego*, embora muitos pudessem integrá-se nele.

Segundo documentário sobre Fernando Pessoa e o *Livro do Desassossego*<sup>3</sup>:

---

<sup>3</sup>FERNANDO PESSOA (bibliografia) e o Livro do Desassossego. Letras Humanas. [www.youtube.com](http://www.youtube.com), 2011. 47 minutos.

“O Livro do Desassossego é afinal um anti-livro, uma negação da narrativa dos códigos literários e praticamente do próprio mundo fora dele, é um livro sonho que se percorre na direção que se entender dado que nem seu próprio autor foi capaz de lhe dar uma forma final”. Embora em nada corresponda a uma pessoa física e historicamente comprovável no ponto de vista civil, o Bernardo Soares, de certo modo, inaugura em Pessoa um modo novo de entendimento da própria função do autor e da função do sujeito porque o Bernardo Soares já não aparece como heterônimo e nem como autor do livro do desassossego mas sim como a personagem que assume o diário que o livro do desassossego é”.

### 3- TEORIAS PARA O DESASSOSSEGO

Como forma de explicar, teoricamente, a fragmentação de autor e a fragmentação de obra literária presentes no *Livro do Desassossego*, tomaremos como base alguns autores que trabalharam sobre esses temas, para, assim, tentar compreender as características tão marcantes da obra. Antes, é necessário conhecer o contexto histórico no qual Fernando Pessoa está inserido para inferir os conhecimentos acerca da inovação literária de Pessoa e entender o fenômeno da heteronímia, tão relevante para a literatura e muito presente nas obras do poeta português.

O termo literatura vem do lexema *litteratura*, e se deriva do radical *littera* (letra, carácter alfabético), que por vez significa, segundo AGUIAR e SILVA (2007, p. 02), a “arte de escrever e ler, gramática, instrução, erudição”. No século XVIII, o termo “literário” era relativo às ciências e às artes. Antes da segunda metade deste mesmo século, “literatura” passou a ser denominada como “a arte e o corpus textual”. A partir daí, constataram-se mudanças com relação à semântica que vieram juntamente com as transformações da cultura europeia ocorridas naquele período, principalmente com a Revolução Francesa e com o Romantismo.

Houve, em meados do século XVIII, a polissemia crescente do termo “literatura”, que apresenta significados parecidos com o que temos nos nossos dias. Para AGUIAR e SILVA (2007, p. 10), a literatura é “uma arte particular, uma específica categoria de criação artística e um conjunto de textos resultantes desta actividade criadora”. Ela é considerada, então, um sistema

semiótico de significação e comunicação, e também, é vista como a junção dos textos literários. A obra literária privilegiava e denominava a estrutura dos textos literários como acabada e fechada, e tinha como única estrutura nas obras o mesmo modelo, com início, meio e fim, mas posteriormente, abre espaço para o inacabado e o fragmentado, traços da modernidade em busca de uma nova linguagem que vem de acordo com suas transformações históricas, sociais e culturais.

O conceito de literatura apresenta-se como num sistema aberto, capaz de ser modificado com a evolução do espaço e do tempo, assim como os conjuntos de textos que compõem a literatura: abertos passíveis de quaisquer alterações, tornando-a heterogênea. A obra literária da modernidade apresenta em sua estética uma desconstrução, pois há uma nova visão quanto à estrutura dos textos literários e obras literárias, acentuando-se a fragmentação. Nesse sentido, no *E-Dicionário de Termos Literários*, Latuf Mucci afirma:

“que o fragmento consiste de uma obra antiga ou da parte extraída de um livro ou de um discurso, que reeditando citações, alusões, intertextos, enfim, constitui testemunho de algo que não se há de perder, ou, ainda, erigi-se como forma privilegiada de texto”.

Há nos textos a fragmentação presente na sua estética e estrutura, e por consequência há a deslocação do “Eu”, expondo um novo conceito de obra, em que a leitura e a escrita são relacionadas ao inacabado, características estas que estão presentes no *Livro do Desassossego* de Bernardo Soares. A obra que traz a estética fragmentada recria um “espaço literário”, onde o Eu se torna Ele, e tanto a autoria quanto a escrita são expostas a um processo de fragmentação.

Em épocas passadas, mais precisamente na Idade Média, o autor, muitas vezes, era desconhecido da sociedade; as narrativas eram feitas de forma oral, pois parte da população naquele tempo era analfabeta; por esse motivo o autor desprovia de sua função autoral. Segundo Michel Foucault (1992, p. 33), “a noção de autor constitui o momento forte da individualização na história das ideias, dos conhecimentos, das literaturas, na história da filosofia também, e na das ciências.” A partir de certo momento, entre os

séculos XVII e XVIII, foram atribuídas autorias aos discursos publicados e, assim, surge a relação autor/escrita.

A questão do desaparecimento do autor é fato presente nos dias atuais, nos quais o autor vai se desvanecendo em sua própria escrita, como diz Foucault (1992, p. 35): “Na escrita, não se trata da manifestação ou da exaltação do gesto de escrever, nem da fixação de um sujeito numa linguagem; é uma questão de abertura de um espaço onde o sujeito de escrita está sempre a desaparecer.”. A escrita acaba por se bastar a si mesma, não estando ligada a uma forma de interioridade, mas sim à sua exterioridade desdobrada, ou seja, na escrita, o autor tende a se afastar daquilo que ele escreve resultando no desaparecimento e na anulação de suas características individuais.

O nome do autor é outro aspecto a ser analisado: por não ser somente um nome próprio, ele ultrapassa seu significado como um elemento textual, que vai servir para descrição e designação desse “eu escritor”. Como explica Foucault:

“Um nome de autor não é simplesmente um elemento de um discurso (que pode ser sujeito ou complemento, que pode ser substituído por um pronome etc.) ele exerce relativamente aos discursos certo papel: assegura uma função classificativa; um tal nome permite reagrupar um certo número de textos, delimitá-los a outros textos.” (FOUCAULT, 1992, p.44).

O nome de autor visa à caracterização do modo de ser do discurso, em que o autor se diferencia dos outros, distinguindo-se seus textos. De certa forma, o nome de autor circunda entre os textos como uma forma de manifestação do modo de ser do autor. Então, a função autor vem a ser característica do modo de ser desse “eu” escritor através de seu texto dentro da sociedade.

Para Foucault, a função autor não vem apenas dos discursos textuais, mas também das características do modo de existir do autor, da circulação dos discursos criados por ele dentro da sociedade. O autor, como função, não está ligado ao sistema jurídico e institucional que encerra e determina as formas de

civilização; não se exerce da mesma maneira em todos os discursos e em todas as épocas; e pode dar lugar a vários “Eus” concomitantemente. A questão da função do autor está diretamente ligada à época que é vivenciada, sofrendo influência do contexto histórico no qual está inserida.

Um grande exemplo dessa influência do “momento” em relação ao autor/obra temos o autor Fernando Pessoa, que devido ao contexto histórico e político o qual vivenciou, obteve transformações não somente na sua estética literária, mas também no que diz respeito a questão do “eu autor”, que resultou na duplicação de Pessoa em vários “Eus”.

Fernando Pessoa vinha sendo influenciado pela Geração Orpheu, e apresentava o domínio do pensamento sobre a emoção, o que o diferenciava dos outros poetas, uma vez que ele não ritualizava a emoção, pois, para ele, “o pensamento é inerente à emoção”, levando-o ao desdobramento do Sujeito. Segundo Moisés (1988, p. 24):

“o próprio poeta diz não lhe interessar mais o sentir. Realmente, já não sente quando o mecanismo do pensamento começa a funcionar. E ao atingir o ápice, somente lhe resta dividir-se, multiplicar o “eu”. É que, com o pensar, ou antes, pensar a emoção, Pessoa descortina uma realidade ainda mais complexa: pela emoção, poderia ser igual a si mesmo, pois a emoção individualiza, torna quem o possui um ser refletido para a própria interioridade. O pensamento por ser turno, induz à dispersão, à multiplicação, a um movimento centrífugo em que o “eu” forceja por suplantar o círculo de giz em que se vê aprisionado. Com isso, abandonando o “eu” suas características essenciais, o Poeta perdia não só a memória da emoção, mas também a própria identidade: Fernando Pessoa metamorfoseia-se em outros, proteifica o seu “eu”, e gera heterônimos...”

Nota-se que há no poeta uma multidivisão quando ele se toma pelo pensamento, e que ao entrar numa viagem interior, o poeta sente as emoções experimentadas ao longo da história, fixando-as através da sua imaginação, ultrapassando os limites do sentir, do pensar, do multiplicar. Nesse sentido, vale ressaltar também o ocultismo do autor, que dá espaço à multiplicidade de faces apresentadas em sua obra.

As proposições de Bakhtin, Barthes e Foucault sobre a concepção de autor acentuam o debate sobre a questão da fragmentação e da identidade do sujeito, como afirma Juciane dos Santos Cavalheiro, em seu artigo sobre o postulado desses três grandes teóricos (2008, p.67-81). A autora diz que Barthes defende a ideia do autor fora ou anterior à linguagem, um produto do ato de escrever. Sendo que para Bakhtin e Foucault, o sujeito só é possível enquanto ser no discurso/na linguagem, e que, neste sentido, podemos afirmar que é possível assimilar visão coincidente com o entendimento do sujeito em Barthes quando esclarece que o sujeito só é possível, só é definível no interior da própria enunciação, o que, de certo modo, também é definido por Bakhtin.

Isso se relaciona com o que afirmam os estudos de Francisco Sérgio Souza de Araújo (2008, p. 21-26) sobre o texto "Autor", de João Adolfo Hansen. Visando resgatar a existência e a revelação da categoria autor em textos, dando enfoque sobre noções de autor, que ora é visto como um sujeito com capacidade criadora, ora é visto como produtor da obra na obra, Hansen salienta que a autoria é constituída a partir da soma de diversos fatores, em especial, os sociais, políticos e ideológicos.

Francisco Sérgio afirma ainda que Hansen, em seu texto, chama a atenção do leitor para o fato de haver certa noção simplificadora a respeito da categoria "autor", noção esta oriunda do senso comum, a qual encaminha para a compreensão de que um "autor" seria alguém - um indivíduo - com capacidade criadora, que, após construir objetos, neles assentaria sua rubrica. Inaugura-se assim, devido ao atestado de autenticidade e de propriedade, sua autoria. Dessa maneira, nos objetos criados, resgatar-se-ia a identidade de quem os produziu.

Conforme destacado como "a teoria do grotesco e do fragmentário" em um dos tópicos de seu livro *Estrutura da Lírica Moderna*, Hugo Friedrich aborda a questão da fragmentação ligando-a com o grotesco, termo conceituado por ele como bizarro, feio. Assim, exemplifica sua conceituação referindo-se à visão de Victor Hugo:

Victo Hugo, porém, acentua de maneira nova o papel do feio: já não se trata apenas do oposto do belo, mas de um valor em si. Aparece na obra de arte como grotesco, como uma imagem do

incompleto e do desarmônico. Mas o incompleto “é o meio mais adequado para ser harmônico”. Vê-se como, sob a designação “harmonia”, já tão mudado em seu significado, vai progredindo o conceito da desarmonia: desarmonia dos fragmentos. O grotesco deve aliviar-nos da beleza e, com sua “voz estridente”, afastar sua monotonia. (Friedrich, 1978, p. 33).

Uma consideração nesse mesmo sentido é feita por Sonia Regina Vargas Mansano, com base nas reflexões sobre a noção de sujeito. Em seu artigo “*Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na Contemporaneidade*”, pode-se notar a questão da personalidade do sujeito perceptivelmente ligada à fragmentação da obra, trazendo sempre realidade às percepções subjetivas presentes na obra. Para definir “sujeito”, Mansano também traz à baila outras definições como, por exemplo, de subjetividade e modos de subjetivação. Ela expõe que é necessário traçar esse percurso começando por subjetivação e passando por modos de subjetivação para poder chegar, então, à noção de sujeito (MANSANO, 2009, p.110).

Sendo assim, segundo a autora, quando falamos de subjetividade estamos referindo uma matéria-prima viva e mutante a partir da qual é possível experimentar e inventar maneiras diferentes de perceber o mundo e de nele agir. O encontro com esses componentes possibilita fazer conexões díspares e inesperadas, precipitando movimentos que insistem em suas misturas e desvios. Assim, novos componentes são recorrentemente inventados e abandonados tendo, portanto, valor e duração históricos. Desse modo, para que se compreenda como esses componentes subjetivos se agrupam, surge a noção de modos de subjetivação que a autora define, recorrendo a uma entrevista de Michel Foucault (“*Sujeito e Poder*”):

Eu gostaria de dizer, antes de mais nada, qual foi o objetivo do meu trabalho nos últimos vinte anos. Não foi analisar o fenômeno do poder nem elaborar os fundamentos de tal análise. Meu objetivo, ao contrário, foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornam-se sujeitos (FOUCAULT, *apud* RABINOW & DREYFUS, 1995, p. 231).

Para Sonia Mansano, os modos de subjetivação podem tomar as mais diferentes configurações, sendo que estas cooperam para produzir formas de

vida e formas de organizações sociais distintas. Ela ainda complementa salientando que, no decorrer da história, os modos de subjetivação sofrem as mais variadas transformações.

Perpassando essas definições, a autora chega, então, à noção de sujeito e afirma:

o sujeito, nessa perspectiva de análise, só pode ser analisado a partir de uma processualidade, de um vir a ser que não se estabiliza de maneira definitiva. Ele é construído à medida que experiência a ação das forças que circulam no fora, e que, por diferentes enfrentamentos, afetam o seu corpo e passam, em parte, a circular também do lado de dentro. Sob essa ótica, a produção do sujeito envolve um movimento que não conhece sossego, pois ele não está dado de uma vez por todas. Dessa maneira, ele pode ser sentido e percebido como uma existência particular e histórica, à medida que desenha territórios subjetivos que são investidos desejantemente. Entretanto, esses territórios nada mais são do que composições provisórias de forças (MANSANO, 2009, p.115).

Já Michel Foucault (1981-1982, p. 4), ao tratar da hermenêutica do sujeito, faz uma análise da relação entre o “sujeito” e a “verdade” e toma como ponto de partida a noção de *Epimeleia heautou*, uma noção grega bastante complexa que perdurou longamente em toda cultura grega e que significa “cuidar de si mesmo”, isto é, o fato de ocupar-se consigo, de preocupar-se consigo, etc. Dessa forma, o autor afirma que estudar a relação entre sujeito e verdade é sem dúvida uma tarefa paradoxal, haja vista que a questão do sujeito, do conhecimento do sujeito e do conhecimento do sujeito por ele mesmo foi originariamente colocada em uma fórmula totalmente diferente: a famosa prescrição délfica do “*gnôthi seautón*”, isto é, “conhece-te a ti mesmo”.

Foucault explica que algumas interpretações foram propostas a respeito do preceito délfico “conhece-te a ti mesmo”, mas qualquer que seja, efetivamente, o sentido, este preceito aparece sempre em torno do personagem de Sócrates e atrelado ao princípio do “cuida de ti mesmo” como uma das formas, uma das consequências, uma espécie de aplicação concreta e precisa da regra geral: “é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidado contigo mesmo”. “Neste sentido, Sócrates apresenta-se como aquele que, essencialmente, fundamental e

originalmente, tem por função, ofício e encargo, incitar os outros a se ocuparem consigo mesmos, a terem cuidados consigo e a não descuidarem de si” (FOUCAUT, 2006, p. 7).

No *Livro do Desassossego*, a preocupação em “cuidar de si mesmo” não se apresenta de maneira subordinada ao preceito do “conhece-te a ti mesmo”, pois Fernando Pessoa embora conhecesse o mundo e a realidade vivida por ele, não se ocupou e nem cuidou de si mesmo a ponto de esvaziar-se e multiplicar-se em outros sujeitos que são os inúmeros heterônimos aos quais deu vida.

Tornarmo-nos esfinges, ainda que falsas, até chegarmos ao ponto de já não sabermos quem somos. Porque, de resto, nós o que somos é esfinges falsas e não sabemos o que somos realmente. O único modo de estarmos de acordo com a vida é estarmos em desacordo com nós próprios. (SOARES, 1999, p. 60).

A dissolução do “eu” é um tema presente na literatura moderna e surge como forma de contribuição para o autoconhecimento do indivíduo, de fazer o sujeito transcender a realidade em que está inserido. Assim, a impessoalidade presente no *Livro do Desassossego* consegue unir a fragmentação da personalidade de Fernando Pessoa com a pluralidade do ego fragmentado da modernidade:

A personagem individual e imponente, que os românticos figuravam em si mesmos, várias vezes, em sonho, a tentei viver, e, tantas vezes quantas a tentei viver, me encontrei a rir alto da minha ideia de vivê-la. (...) Levo comigo a consciência da derrota como um pendão de vitória. (PESSOA, 2006, p.83-85).

Para Leyla Perrone Moisés:

O fenômeno da heteronímia, sem dúvida o aspectos mais espetacular da obra pessoana, não é decorrência de uma riqueza, mas de uma falta. Os heterônimos não são frutos de uma rica imaginação tão somente artística, ou a prova da versatilidade do Poeta, mas os cobrimentos de uma falha. Falta de ser e excesso de desejo fazem implodir o sujeito que, ao tentar reunir diversos “eus” postigos num conjunto, precipita-se,

pelo contrário, na experiência da dispersão sem volta. (MOISÉS, 2001, p. 95).

A autora explica que a sensação de ser diverso, variável, múltiplo nada tem de “filosoficamente ou psicologicamente novo”; o que torna Pessoa original e moderno é a experiência de certo, “sujeito vazio”, experiência terrível, quando não circunscrita ao terreno da atividade artística, da especulação teórica ou da prática religiosa, mas vivida conflituosamente, como o foi por Pessoa, no cotidiano e na carne:

Da minha abstenção de colaborar na existência do mundo exterior advém, entre outras coisas, um fenômeno psíquico curioso. Abstendo-me inteiramente da ação, desinteressando-me das coisas, consigo ver o mundo exterior quando atento nele com uma objectividade perfeita. Como nada interessa ou leva a ter razão para alterá-lo, não o altero. E assim consigo. (TRECHO 248, p. 242).

Maria de Souza Cardoso (2008, p. 25) cita as palavras de Bernardo Soares: “Nestas impressões sem nexos, nem desejo de nexos, narro indiferentemente a minha autobiografia sem factos, a minha história sem vida. São as minhas confissões, e, se nelas nada digo, é que nada tenho que dizer”. Segundo a referida autora, as confissões de Soares são o retrato de uma história sem vida, talvez não só pelo distanciamento de si mesmo, mas, principalmente, pelo esvaziamento do autor-pessoa para que surgissem as várias faces de um mesmo autor. “Assim, o Poeta, ao projetar toda a sua obra por meio da heteronímia, ao criar em sua vida “várias personalidades”, optou pela não vivência, esvaziando-se cada vez mais para tornar-se maior pela literatura” (CARDOSO, 2008, p. 26).

## **1- A FRAGMENTAÇÃO DESARTICULADA POSTA EM ANÁLISE**

O *Livro do Desassossego* apresenta diversos fragmentos que se mesclam, mas que são descontínuos e sem encadeamento, e que podem ser lidos de diferentes formas, pois não apresentam uma sequência lógica. Nesses

fragmentos, Bernardo Soares narra o seu cotidiano como numa espécie de diário, descrevendo seus sentimentos, seus pensamentos, suas ideias, suas filosofias, enfim, tudo o que está internalizado em sua mente tão desassossegada e inquieta.

Analisaremos, a seguir, alguns fragmentos que compõem o *Livro do Desassossego*(da edição organizada por Richard Zenith), nos quais ficam mais evidentes a fragmentação de autor/obra.

Na parte intitulada “Autobiografia sem factos”, o fragmento 6 diz:

“...Escrevo triste, no meu quarto quieto, sozinho como sempre tenho sido, sozinho como sempre serei. E penso se a minha voz, aparentemente tão pouca coisa, não encarna a substancia de milhares de vozes, a fome de dizerem-se de milhares de vidas, a paciência de milhões de almas submissas como a minha ao destino quotidiano, ao sonho inútil, à esperança sem vestígios. Nestes momentos meu coração pulsa mais alto por minha consciência dele. Vivo mais porque vivo maior . Sinto na minha pessoa uma força religiosa, uma espécie de oração, uma semelhança de clamor. Mas a reacção contra mim desce-me da inteligência... Vejo-me no quarto andar da Rua dos Douradores, assisto-me com sono; olho, sobre o papel meio escrito, a vida vã sem beleza e o cigarro barato que a expender estendo sobre o mata borrão velho. Aqui eu, neste quarto andar, a interpelar a vida!, a dizer o que as almas sentem!, a fazer prosa como os gênios e os célebres! Aqui, eu, assim!...” (SOARES, 1999, p. 50).

Nesse trecho, o autor narra um fato do seu cotidiano: um pouco de sua vivência no quarto andar da Rua dos Douradores. Bernardo Soares (um semi-heterônimo de Pessoa e ajudante de guarda-livros em Lisboa) se apresenta como uma pessoa de vida triste e solitária. Percebe-se que, neste momento, o autor não apenas narra um fato de sua vida, mas também faz a representação da vida e das ações das pessoas que vivenciaram aquela época de transformações. Há no autor a despersonalização quando diz encarnar a “substancia de milhares de vozes”, ou seja, deixando de ser “Eu” para ser “Eus”.

No fragmento 12:

“Invejo – mas não sei se invejo – aqueles de quem se pode escrever uma biografia, ou que podem escrever a própria.

Nestas impressões sem nexos, nem desejo de nexos, narro indiferentemente a minha autobiografia sem factos, a minha história sem vida. São as minhas Confissões, e, se nelas nada digo, é que nada tenho que dizer...” (SOARES, 1999, p. 54).

O fragmento 12 revela um dos traços marcantes da obra: o autor expõe que narra as suas “impressões sem nexos”, confirmando que a obra traz uma estrutura diferenciada, uma que vez é formada por fragmentos desconexos. E nesses fragmentos o autor trai a noção que se tem de prosa romântica ou realista/naturalista, e revela uma obra que tem em sua composição diversos fragmentos que não apresentam continuidade, dando aos leitores a impressão de algo inacabado e que não tem um início, meio e fim.

Já no fragmento 93, presente no “Intervalo Doloroso”, Bernardo Soares afirma:

“Em mim foi sempre menor a intensidade das sensações que a intensidade da consciência delas. Sofri sempre mais com a consciência de estar sofrendo que com o sofrimento de que tinha consciência.

A vida das minhas emoções mudou-se, de origem, para as salas do pensamento, e ali vivi sempre mais amplamente o conhecimento emotivo da vida.

E como o pensamento, quando alberga a emoção, se torna mais exigente que ela, o regime da consciência, em que passei a viver o que sentia, tornava-me mais quotidiana, mais epidérmica, mais titilante a maneira como sentia.

Criei-me eco e abismo, pensando. Multipliquei-me aprofundando-me. O mais pequeno episódio – uma alteração saindo da luz, a queda enrolada de uma folha seca, a pétala que se despega amarelecida, a voz do outro lado do muro com os passos de quem a diz juntos aos de quem a deve escutar, o porto entreaberto da quinta velha, o pátio abrindo com um arco das casas aglomeradas ao luar – todas estas coisas, que me não pertencem, prendem-me a meditação sensível com laços de ressonância e de saudade. Em cada uma dessas sensações sou outro, renovo-me dolorosamente em cada impressão indefinida.

Vivo de impressões que não me pertencem, perdulário de renúncias, outro no modo como sou eu.” (SOARES, 1999, p. 123).

Com relação ao fragmento 93, o autor reflete sobre suas emoções e seus pensamentos, revelando que o pensamento é mais exigente que a emoção, o que o leva a um sentir mais intenso e diferente. Com isso, Soares, através do pensamento, “multiplica-se”, apresentando um outro “eu”, como pode-se verificar no seguinte excerto: “Em cada uma dessas sensações sou outro, renovo-me dolorosamente em cada impressão indefinida.” (SOARES, 1999, p. 123). O autor ainda demonstra que vive de impressões que não lhe pertencem, sendo, por isso, uma justificativa de que nele se multiplicam outros “Eus”. Sobre isso, Massaud Moisés afirma que o “pensar a emoção” leva o autor a dividir, a dispersar e a multiplicar o Eu, como podemos perceber também, no fragmento a ser analisado a seguir.

Na “Estética do Artificio”, fragmento 114, temos:

“A vida prejudica a expressão da vida”. Se eu vivesse um grande amor nunca poderia contar.

Eu próprio não sei se este eu, que vos exponho, por estas coleantes páginas fora, realmente existe ou é apenas um conceito estético e falso que fiz de mim próprio. Sim, é assim. Vivo-me esteticamente em outro. Esculpi a minha vida como a uma estátua, de matéria alheia a meu ser. Às vezes não me reconheço, tão exterior me pus a mim, e tão de modo puramente artístico empreguei a minha consciência de mim próprio. Quem sou por detrás desta irrealidade? Não sei. Devo ser alguém. E se não busco viver, agir, sentir, é – crede-me bem – para não perturbar as linhas feitas da minha personalidade suposta. Quero ser tal qual quis ser e não sou. Se eu cedesse destruir-me-ia. Quero ser uma obra de arte, da alma pelo menos, já que do corpo não posso ser. Por isso me esculpi em calma e alheamento e me pus em estufa, longe dos ares frescos e das luzes francas – onde a minha artificialidade, flor absurda, floresça em afastada beleza.

Penso às vezes no belo que seria poder, unificando os meus sonhos, criar-me uma vida contínua, sucedendo-se, dentro do decorrer de dias inteiros, com convivas imaginários com gente criada, e ir vivendo, sofrendo, gozando essa vida falsa. Ali me aconteceriam desgraças; grandes alegrias ali cairiam sobre mim. E nada de mim seria real. Mas teria tudo uma lógica soberba, sua; seria tudo segundo um ritmo de voluptuosa falsidade, passando tudo numa cidade feita da minha alma, perdida até [ao] cais à beira de um comboio calmo, muito longe dentro de mim, muito longe... E tudo nítido, inevitável, como na vida exterior, mas estética de Morte do Sol.” (SOARES, 1999, p. 138).

É perceptível, no fragmento exposto acima, que o autor expõe uma narração desarticulada, não possuindo um sentido lógico nos trechos. Percebe-se também outra característica marcante do *Livro do Desassossego*, que é a questão de fragmentação do autor. O autor revela, neste momento, que se fragmenta em outros, dando lugar a um “eu” dotado de características diferenciadas, como ele próprio diz: “vivo-me esteticamente em outro”. Como se ressaltou anteriormente neste trabalho, Michel Foucault afirma que na escrita o autor está desaparecendo, e que ela acaba por sacrificá-lo dando lugar a outros “Eus”.

Observemos também o fragmento 152:

Pasmo sempre quando acabo qualquer coisa. Pasmo e desolome. O meu instinto de perfeição deveria inibir-me de acabar; deveria inibir-me até de dar começo. Mas distraio-me e faço. O que consigo é um produto, em mim, não de uma aplicação de vontade, mas de uma cedência dela. Começo porque não tenho força para pensar; acabo porque não tenho alma para suspender. Este livro é a minha cobardia.

A razão por que tantas vezes interrompo um pensamento com um trecho de paisagem, que de algum modo se integra no esquema, real ou suposto, das minhas impressões, é que essa paisagem é uma porta por onde fujo ao conhecimento da minha impotência criadora (1). Tenho a necessidade, em meio das conversas comigo que formam as palavras deste livro, de falar de repente com outra pessoa, e dirijo-me à luz que paira, como agora, sobre os telhados das casas, que parecem molhados de tê-la de lado; ao agitar brando das árvores altas na encosta citadina, que parecem perto, numa possibilidade de desabamento mudo; aos cartazes sobrepostos das casas ingremadas, com janelas por letras onde o sol morto doira a goma húmida.[...] (SOARES, 1999, p.168).

Neste fragmento o autor, ao descrever os sentimentos identificados por ele ao compor o livro, explicita a inquietante vontade de querer parar, mas continua escrevendo e não consegue terminar suas impressões. Ao relatar as conversas que ele tem consigo mesmo, percebemos quão explícita está a representação da fragmentação trazida por Pessoa no *Livro do Desassossego*: quem fala é Bernardo Soares, um fragmento que Pessoa escolheu para representar um pouco de sua personalidade; logo, ao ser lido, o fragmento resgata traços da personalidade do autor do *Livro*, culminando com que foi dito por Hansen sobre a categoria autor, ou seja, que a autoria é constituída a

partir da soma de diversos fatores, em especial, os sociais, políticos e ideológicos.

No fragmento 154:

Quem sou eu para mim? Só uma sensação minha. O meu coração esvazia-se sem querer, como um balde roto. Pensar? Sentir? Como tudo cansa se é uma coisa definida! (SOARES, 1999, p.168).

Podemos notar o autor referindo os sentimentos e as sensações a respeito dele próprio, trazendo questionamentos que mostram uma personalidade única, no entanto, composta da fragmentação de um sujeito em vários. Embora o autor fosse uma representação de um eu dentro dos vários “Eus” existentes em Pessoa, ele se vê como ele mesmo, se manifesta segundo sua personalidade e mostra, através de suas palavras, a unicidade que o compõe como sujeito. Trata-se, portanto, de um belo exemplo de subjetividade, defendido por Mansano, pois através da subjetividade o sujeito/autor encontra maneiras diferentes de perceber o mundo e de nele agir.

Vejamos agora o fragmento 197:

Sinto o tempo com uma dor enorme. É sempre com uma comoção exagerada que abandono qualquer coisa. O pobre quarto alugado onde passei uns meses, a mesa do hotel de província onde passei seis dias, a própria triste sala de espera da estação de caminho de ferro onde gastei duas horas à espera do comboio - sim, mas as coisas boas da vida, quando as abandono e penso, com toda a sensibilidade dos meus nervos, que nunca mais as verei e as terei, pelo menos naquele preciso e exacto momento, doem-me metafisicamente. Abre-se-me um abismo na alma e um sopro frio da hora de Deus roça-me pela face lívida.

O tempo! O passado! Aí algo, uma voz, um canto, um perfume ocasional levanta em minha alma o panode boca das minhas recordações... Aquilo que fui e nunca mais serei! Aquilo que tive e não tornarei a ter! Os mortos! Os mortos que me amaram na minha infância. Quando os evoco, toda a alma me esfria e eu sinto-me desterrado de corações, sozinho na noite de mim próprio, chorando como um mendigo o silêncio fechado de todas as portas. (SOARES, 1999, p. 203).

O fragmento 197 trata de relatos das recordações trazidas pelo autor; recordações de uma realidade vivida por ele, sua angústia retratada a respeito

da passagem do tempo e seus sentimentos de inquietude sobre fatos passados. Esse fragmento representa claramente a realidade existente no cotidiano do autor: uma realidade inventada, porém capaz de mostrar-se realmente existente diante da rica descrição de detalhes trazida pelo autor, fazendo com que Bernardo Soares possa ser visto não apenas como um heterônimo, mas como um sujeito com existência particular e conhecedor de si.

Vejamos agora o fragmento 210, intitulado “Estética do desalento”:

Publicar-se - socialização de si próprio. Que ignóbil necessidade! Mas ainda assim que afastada de um acto - o editor ganha, o tipógrafo produz. O mérito da incoerência ao menos.

Uma das preocupações maiores do homem, atingida a idade lúcida, é talhar-se, agente e pensante, à imagem e semelhança do seu ideal. Posto que nenhum ideal encarna tanto como o da inércia toda a lógica da nossa aristocracia de alma ante as ruidosidades e exteriores modernas, o Inerte, o Inactivo deve ser o nosso Ideal. Fútil? Talvez. Mas isso só preocupará como um mal aqueles para quem a futilidade é um atractivo,(SOARES, 1999, p. 216).

Nesse fragmento, o autor opina sobre o comportamento do homem ao se importar com sua autoimagem diante de ideais estabelecidos, uma opinião tão lúcida e real, mas formada por um sujeito que só existe ali, na escrita, na composição daquele fragmento, podendo ser visto como um fragmento (parte de Fernando Pessoa) que compõe outro, ao escrever suas ideias fragmentadas.

Agora passemos para o fragmento 213:

[...] É frequente eu encontrar coisas escritas por mim quando ainda muito jovem - trechos dos dezessete anos, trechos dos vinte anos. E alguns têm um poder de expressão que me não lembro de poder ter tido nessa altura da vida. Há em certas frases, em vários períodos, de coisas escritas a poucos passos da minha adolescência, que me parecem produto de tal qual sou agora, educado por anos e por coisas. Reconheço que sou o mesmo que era. E, tendo sentido que estou hoje num progresso grande do que fui, pergunto onde está o progresso se então era o mesmo que hoje sou.

Há nisto um mistério que me desvirtua e me oprime.

Ainda há dias sofri uma impressão espantosa com um breve escrito do meu passado. Lembro-me perfeitamente de que o meu escrúpulo, pelo menos relativo, pela linguagem data de há poucos anos. Encontrei numa gaveta um escrito meu, muito

mais antigo, em que esse mesmo escrúpulo estava fortemente acentuado. Não me compreendi no passado positivamente. Como avancei para o que já era? Como me conheci hoje o que me desconheci ontem? E tudo se me confunde num labirinto onde, comigo, me extravio de mim.

Devaneio com o pensamento, e estou certo que isto que escrevo já o escrevi. Recordo. E pergunto ao que em mim presume de ser se não haverá no platonismo das sensações outra anamnese mais inclinada, outra recordação de uma vida anterior que seja apenas desta vida...

Meu Deus, meu Deus, a quem assisto? Quantos sou? Quem é eu? O que é este intervalo que há entre mim e mim? (SOARES, 1999, p. 217).

Através de indícios de atos presentes na fictícia realidade cotidiana do autor, percebemos, neste trecho, a personalidade de Pessoa mutilada sobre a personalidade de Bernardo Soares. Um sujeito irreal falando propriamente a seu respeito, tentando encontrar-se dentro de si, dentro de sua realidade subjetiva, demonstrando reconhecer outras personalidades presentes em sua vida, tornando-se, assim, curioso e interessante a multiplicação de personalidades, vistas não mais somente em Pessoa, mas também no próprio autor do *Livro do Desassossego*. A multiplicação de uma multiplicação.

A este respeito, o trecho 415 elucida:

As figuras imaginárias têm mais relevo e verdade que as reais. O meu mundo imaginário foi sempre o único mundo verdadeiro para mim. Nunca tive amores tão reais, tão cheios de verve, de sangue e de vida como os que tive com figuras que eu próprio criei. Que loucura! Tenho saudades deles porque, como os outros, passam... (SOARES, 1999, p. 371).

Neste trecho, Soares, que é a figura imaginária e talvez a mais importante de todas as invenções de Pessoa, por ser o que mais tem proximidades com Fernando Pessoa no que diz respeito as características, toma para si a responsabilidade e a autoria da pessoa real que é o seu genitor, ou seja, Fernando Pessoa; e continua o processo de fragmentação através de suas invenções que são as figuras imaginárias que o próprio Soares afirma terem mais relevo e serem mais verdadeiras do que as reais.

Diante disso, podemos fazer alusão à análise da relação entre o “sujeito” e a “verdade” proposta por Michel Foucault, ao tratar da hermenêutica

do sujeito. O referido autor, ao tratar de sujeito e verdade, toma como ponto de partida a noção grega do “cuidar de si mesmo”, que está diretamente relacionada com a ideia do “conhece-te a ti mesmo”, pois Fernando Pessoa buscava sempre encontrar-se diante da realidade ao qual estava vivenciando.

Conforme o trecho 39:

Foi um momento, e já passou. Já vejo os móveis que me cercam, os desenhos do papel velho das paredes, o sol pelas vidraças poeirentas. Vi a verdade um momento. Fui um momento, com consciência, o que os grandes homens são com a vida. Recordo-lhes os actos e as palavras, e não sei se não foram também tentados vencedoraemente pelo Demónio da realidade. Não saber de si é viver. Saber mal de si é pensar. Saber de si, de repente, como neste momento lustral, é ter subitamente a noção da mónada íntima, da palavra mágica da alma. Mas essa luz súbita cresta tudo, consume tudo. Deixanos nus até de nós. (SOARES, 1999, p. 73).

Neste mesmo trecho, Soares salienta que “é tão difícil descrever o que se sente quando se sente que realmente se existe, e que a alma é uma entidade real, que não sei quais são as palavras humanas com que possa defini-lo”. A verdade, para ele, era momentânea, mas suficiente para estabelecer a consciência das coisas da vida; ele mesmo acreditava que saber mal de si era viver e pensar dentro de um sujeito vazio e desprovido de alma, o que resultou na criação de diversos heterônimos:

Richard Zenith (1999, p. 14) considera, em sua edição, os aspectos emocionais existentes em Fernando Pessoa que só lhe permitiam escrever em pedaços. Trata-se de uma profunda depressão que Pessoa relata ao amigo Armando Cortes Rodrigues, razão pela qual escrevia “pequenas coisas” e “quebrados e desconexos pedaços do *Livro do Desassossego*”.

No trecho 412, do fragmento intitulado “Intervalo Doloroso”, essa observação de Zenith se confirma nas palavras de Bernardo Soares:

Nem no orgulho tenho consolação. De quê orgulhar-me se não sou o criador de mim próprio. E mesmo que haja em mim de que envaidecer-me, quanto para me não envaidecer... E este livro é um gemido. Escrito ele já o só não é o livro mais triste que há em Portugal... Ao pé da minha dor todas as outras dores me parecem falsas ou mínimas. São dores de gente feliz

ou dores de gente que vive e se queixa. As minhas são de quem se encontra encarcerado da vida, à parte. De modo que tudo o que angustia vejo. E tudo o que alegra não sinto... (SOARES, 1999, p. 368).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o *Livro do Desassossego* de Bernardo Soares, percebemos o quanto a literatura passa por transformações, pois o *Livro* apresenta uma composição desarticulada do início ao fim, uma inovação no que diz respeito ao conceito de obra literária e do sujeito autor. Tanto os fragmentos, que nos dão a impressão de inacabado, quanto o autor, que vive em intenso devaneio durante toda a obra, fazem com que o leitor se veja sempre instigado e desassossegado. No desenvolvimento do nosso trabalho, e a partir de nossas análises, notamos que o *Livro* revela, além de uma prosa fragmentada e descontinuada, um autor também passível de fragmentação, de despersonalização, que vive a “sumir” em sua própria escrita, dando lugar a outras “*personae*”, trazendo à tona uma representação mascarada e multifacetada para somar com uma literatura posta em pedaços.

Ao destacar a relevância histórico-literária de Fernando Pessoa, que afirma redigir “pequenas coisas” e “quebrados e desconexos pedaços do Livro do Desassossego”, é preciso ressaltar que toda organização e, conseqüentemente, toda leitura do *Livro* são sempre aleatórias, já que seus trechos ou fragmentos não seguem uma suposta ordem de começo, meio e fim. Notamos que para organizar uma edição do *Livro*, é preciso montar um quebra-cabeça que, assim como qualquer outro, só achará sua imagem após o término da montagem. No entanto, embora estejamos referindo um único objeto, no caso, o *Livro do Desassossego*, essa imagem poderá ter várias facetas e cada uma surgirá de acordo com seu editor. Logo, sempre haverá inovações e a cada nova edição o *Livro* renasce e contraria a lógica, pois a ordem dos fatores (fragmentos) alterará certamente o produto, e isso torna surpreendente cada nova criação do *Livro*.

Concluimos que para entender o *Livro*, suas representações e fragmentações, precisamos de reflexões teóricas a seu respeito. Todavia, faz-se mais necessário ainda deixar-se conduzir pela aleatoriedade de suas páginas, pelas sensações pessoais trazidas por cada um de seus fragmentos, pois é isso que torna essa complexa obra tão sedutora: um verdadeiro e profundo desassossego.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR E SILVA, V. M. de. **Teoria da Literatura**. 8 ed. 16 reimpr. Coimbra: Almedina, 2007.
- ARAÚJO, Francisco Sérgio Souza de. **A categoria autor: uma leitura de contribuição de João Adolfo Hansen ao debate a respeito da categoria**. Entrelances, 2007. p. 21-26. – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- BARTHES, Roland. “**A morte do autor**”. In: **O rumor da língua**. Tradução de **Mario Laranjeira**. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 65-70.
- CARDOSO, Maria Jeusilande de Sousa. **A poética desarticulada e desarticuladora do Livro do Desassossego, de Fernando Pessoa**. 2008. 103 f. Dissertação (Mestrado em Literatura)- Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- CAVALHEIRO, Juciane dos Santos. **A concepção de autor em Bakhtin, Barthes e Foucault**. Signum: Estud. Ling., Londrina, n.11/2, p. 67-81, dez.2008.
- CHIZZOTE, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. v.16. São Paulo: Cortez, 1991.
- FOUCAULT, M. **O que é um autor?**. Tradução: António Fernando Cascais, Eduardo Cordeiro. 3 ed. Lisboa: Vega: Passagens, 1992.
- FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX**. Trad. Marise M. Curioni e Dora F. da Silva. São Paulo: Duas Cidades, 1978.
- LIVRO do Desassossego. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Livro do Desassossego](https://pt.wikipedia.org/wiki/Livro_do_Desassossego)>. Acesso em: 24 de Agosto de 2015.
- MOISÉS, L.P. **Fernando Pessoa, alguém do eu, além do outro**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 207-318.
- MOISÉS, M. **A literatura portuguesa**. 37 ed. 1 reimpr. São Paulo: Cultrix, 2013.
- MUCCI, I. L. “Fragmento”. In: MUCCI, Isaias Latuf. **E-Dicionário de termos literários**. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt/business-directory/6138/fragmento/>. Acesso em: 09/03/2016.
- PESSOA, Fernando: **Carta de Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro sobre a Gênese dos Heterônimos**. Lisboa: 1935. Disponível em: <http://www.educacional.com.br/pdf>. Acesso em: 16/03/2015.

VAGAS MANSANO, Sônia Regina. **Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade.** 2009.

ZENITH, Richard. **Livro do Desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda livros na cidade de Lisboa/Fernando Pessoa.** 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.